
- **SEMIÓTICA, ENUNCIÇÃO E PRESENÇA**

Coordenador(a): Ivã Carlos Lopes

Durante bom tempo, a semiótica discursiva - designamos, com essa expressão, os trabalhos inspirados na obra de Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores - pôde equacionar o território da enunciação por meio de uma complementaridade entre dois percursos temáticos estreitamente ligados, o percurso da produção do enunciado e o da comunicação entre os parceiros da cena enunciativa. Esse modelo, que desde a década de 1980 rendeu muitos frutos, aparece hoje, com o recuo dos anos, como tributário de uma semiótica que raciocinava por descontinuidades articuladas e que tendia sempre a "narrativizar" a abordagem dos seus objetos. Desde os anos 1990, contudo, a semiótica vem se esforçando para refinar o seu aparato conceitual com a incorporação de parâmetros de tipo contínuo, tentando, por exemplo, conceber gradientes semânticos regidos por intensidades valorativas provenientes do ponto de vista deste ou daquele enunciador no exercício do seu fazer persuasivo e/ou interpretativo. Pelo caminho, os semioticistas foram se interessando por questões anteriormente pouco estudadas nesse campo, tais como, entre outras, as "valências" subjacentes aos valores, a "práxis enunciativa" como critério para se compreender o uso e a circulação dos enunciados dentro da economia das trocas discursivas, ou ainda a noção de "presença",

tendo por referência mais próxima, porém não exclusiva, a fenomenologia de Merleau-Ponty. Sem pretender selar qualquer sentença definitiva nesse território ainda em ampla medida desconhecido, este simpósio quer trazer subsídios para a discussão dos conceitos aqui mencionados, propiciando também uma avaliação da operacionalidade de tais noções para a análise de textos oriundos de variadas esferas discursivas.

A CONSTRUÇÃO DO ATOR EM CARTÕES TELEFÔNICOS: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

Edvânia Bitencourt de Oliveira Martins (PUC-SP)

Os cartões telefônicos constituem-se como um meio moderno de comunicação visual e verbal. Aliando a praticidade da ilustração à objetividade do texto escrito, eles oferecem às pessoas informações que abordam assuntos dos mais variados, presentes ou não em seu cotidiano, organizando-se em séries que reúnem temas afins.

Neste trabalho, analisam-se os seis cartões que compõem a série Dia das Crianças, disponibilizados pela empresa de telecomunicações Telefônica, os quais trazem em sua face principal a imagem de uma criança, ator retratado em diferentes espaços onde desenvolve ações próprias de sua faixa etária; e em seu verso, encontram-se verbalizadas algumas de suas atitudes, bem como a definição do ser criança. Observa-se, ainda, que a introdução do texto lingüístico encontra-se na face principal, enquanto seu desenvolvimento somente aparece no verso do cartão. A análise fundamenta-se em princípios teóricos da semiótica discursiva, que permite verificar a construção do sentido por meio de um percurso gerativo; utilizar-se-á dos conceitos metodológicos dessa teoria a fim de desvelar a relação intrínseca existente entre o verbal e o visual, acompanhando a construção do ator criança no nível discursivo e a trajetória de um sujeito atuante e marcado pelo seu poder-querer-fazer no narrativo.

ATOR, ASPECTO, ESTILO

Norma Discini (USP)

O objetivo do trabalho é buscar a incorporação da noção de estilo aos estudos do discurso, bem como firmar a operacionalização dessa noção por meio da consideração do sujeito como aspecto, o que faz com que o próprio aspecto, noção tradicionalmente ligada à categoria do tempo e formalizada como ponto de vista sobre a ação, seja relacionada aos processos discursivos de antropomorfização do sujeito. Será então recuperado o sujeito pressuposto a uma totalidade discursiva e cotejado no próprio ato cognitivo da percepção, procedimentos que têm respaldo na concepção do estilo como “ethos”: um modo recorrente de dizer, que remete a um modo próprio de ser, pressuposto a uma totalidade discursiva. Os modos de presença, por sua vez, serão pensados em função do observador, cuja percepção é temporalizada segundo o tempo controlado pelo andamento. Para tais exercícios será adotado o critério de reunir textos em função dos gêneros materializados: diário e carta, em que são previstas convergências para o modo de dizer; dois gêneros afins, portanto. Serão considerados mecanismos de construção do sentido que, voltados prioritariamente para o modo próprio de combinar figuras e temas, farão emergir, do mesmo gênero, seja carta, seja diário, atores que, aspectualizados diferentemente, consolidarão diferentes tons de voz, diferentes estilos.

EFEITOS DE POETICIDADE NA LETRA DA CANÇÃO “O LIVRO DOS DIAS”

Geraldo Vicente Martins (USP)

Compreender como se manifesta a poeticidade nos textos é um constante desafio com que os estudiosos da linguagem vêm-se às voltas. Em razão disso, o fenômeno poético tem sido alvo,

ao longo dos tempos, desde estudos que se fundamentam em uma visão intuitiva, responsável por uma análise romântica da poesia que destaca a genialidade do autor, até concepções da moderna crítica literária, que apontam para a desconstrução lingüística como forma de recuperar os elementos geradores do fato poético e a riqueza de sentidos que este cria.

Entretanto, dentre as várias alternativas teóricas oferecidas para a tentativa de compreensão do fator poético, a solução que nos parece mais profícua é a trazida pela semiótica de linha francesa, a qual, retomando as proposições de Hjelmslev a respeito do plano de conteúdo e do plano de expressão da linguagem, afirma que a poeticidade se faz presente em qualquer texto quando elementos da expressão tornam-se homologáveis aos do conteúdo, levando a mensagem a obter maior grau de encanto e eficácia.

Partindo dessa concepção, este trabalho analisa alguns aspectos da letra de uma canção escrita por Renato Russo, na metade da década de 1990, “O livro dos dias”, buscando ver como o desenvolvimento de seu texto verbal contém já certos elementos de poeticidade, os quais podem ser explorados na união com o musical.

MODOS DE PRESENÇA DA FEMINILIDADE EM TRÊS TEXTOS DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Matheus Nogueira Schwartzmann (UNESP)

Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), poeta certamente bem menos lembrado que seu companheiro de geração Fernando Pessoa (1888-1935), trocou com este, inúmeras cartas que tratavam, essencialmente, do fazer poético. Dessa correspondência temos apenas as cartas enviadas a Pessoa, que, em sua grande maioria, continham muitos dos poemas que Sá-Carneiro escrevia. No presente trabalho, tendo como metodologia a Semiótica Francesa, buscaremos estabelecer os modos de presença da feminilidade (o sujeito enunciador como sujeito-feminino ou avaliador da feminilidade) instaurados pelas operações de debreagem enunciativa e enunciva em três textos de Sá-Carneiro. Para tanto, tomaremos como objetos de análise os poemas “Feminina” e “Ah, que te esquecesses sempre das horas”, acompanhados de um trecho de uma de suas cartas a Fernando Pessoa, datada de 13 de julho de 1914. Após depreendermos os modos de presença da “identidade feminina” dos textos analisados, empreenderemos ainda uma segunda análise, desta vez comparativa, para investigar de que maneira os três textos distanciam-se ou aproximam-se temática e figurativamente. Este trabalho pretende, ainda, mesmo que superficialmente, lançar algumas questões acerca do conceito de gênero à luz da Teoria Semiótica.

NARRATIVIDADE, JUNÇÃO, PRESENÇA

Ivã Carlos Lopes (USP)

Ao se debruçar sobre o problema da “presença”, pode a semiótica ter esperança de conseguir algum ganho de inteligibilidade nas questões que ela tem hoje por resolver? Sabe-se que a teoria greimasiana trouxe, entre seus principais aportes, toda uma ordenação do patamar narrativo da produção do sentido nos textos, com base numa concepção extremamente ampla da narratividade e do seu lugar na economia global da significação. Indício, entre outros, da reaproximação com uma certa fenomenologia, a indagação atual sobre a “presença” deixa vislumbrar, salvo engano, um novo capítulo na teoria semiótica da narrativa. De fato, se a sintaxe narrativa de Greimas fundamentava-se no conceito de “junção”, a “presença” acena agora para que lhe passem o bastão, mas surge logo a pergunta: é lícito considerar a junção e a presença como duas facetas de uma só coisa, aquela constituindo-lhe a face efetiva e esta, a afetiva? A par dessa interrogação sobre a sintaxe, desponta inevitavelmente uma curiosidade sobre o que é que pode estar mudando - se é que vale a idéia - na semântica narrativa, já que, num modelo

feito de interdefinições, qualquer alteração em um ponto ocasiona ressonâncias no conjunto. Enfim, para além da narratividade, tal problemática está sem dúvida ligada à da enunciação. Entre as marcas que singularizam a semiótica, está o projeto de ultrapassar, no trato com a enunciação, as formulações desta em termos, meramente, de “comunicação” ou ainda de “atos de linguagem”. Em lugar disso, a deitização e a modalização têm estado no cerne do tratamento semiótico das questões enunciativas; nesse âmbito, propomos uma reflexão sobre a contribuição que a noção de “presença” é capaz de trazer à pauta de estudos. Ilustraremos nossa discussão, a cada passo, com uns poucos textos de poetas brasileiros contemporâneos, que nos ajudarão a testar o alcance descritivo dessas ferramentas conceituais.

O DESAFIOS LANÇADOS POR NATHALIE SARRAUTE

Renata Ciampone Mancini (USP)

Este trabalho apresentará alguns pontos de destaque da análise semiótica do texto “Je ne comprends pas”, da escritora francesa Nathalie Sarraute, um dos grandes nomes do movimento que ficou conhecido como o *nouveau roman* francês. Este movimento reivindica uma nova linguagem para o romance, ao propor um rompimento com a escrita canônica e defender experimentações com o texto que visam a abrir novas possibilidades de interação entre leitor e obra. Na prática, muitas vezes esses textos parecem, numa primeira leitura, um tanto sem sentido ou sem razão de ser, mas é exatamente essa aparente falta de sentido que acreditamos ser uma fonte rica de indagações sobre a construção textual.

O OLHAR ENUNCIATIVO EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H. DE CLARICE LISPECTOR

Iná Cristina Scarcelli Lucianelli (UNESP)

Em *A Paixão segundo G.H.*, o olhar rege a narrativa, ou seja, o olhar da narradora instala um confronto do sujeito com objetos que se transformam em estados de alma. Os projetos da narrativa são construídos em torno de algo “visto” pelo eu actante, portanto, o olhar não só direciona e cria a narrativa, mas também personifica o “eu” narrador, pois o “eu” do enunciado funde-se à coisa olhada e a instaura a nível actancial numa constante reversibilidade. Nessa nova ordem estabelecida pela enunciação, novos sentidos são gerados para o ato de ver. Ver significa fazer existir o outro em múltiplos aspectos, pois o ato de ver, busca a aproximação da coisa em si, a ponto de fundir-se a ela, em contraposição à linguagem que, dentro da narrativa, distancia-se da verdade das coisas. O espaço, ao lado da instância actancial, também sofre distorções, pois a instauração espacial acompanha as mutações do eu narrador, assim como todas as categorias narrativas, pois o sujeito enuncivo, mergulhado que está nesse olhar, arrasta-os consigo na flutuação tímica, desarticulando as estruturas narrativas. O olhar que exige para si esse estatuto centralizador é, por sua vez, construído pela linguagem. Linguagem que é negada desde o primeiro momento da enunciação pela sua incapacidade de apreender o momento, pois, segundo a narradora, ao fazê-lo o mesmo é descaracterizado. Assim, o olhar é nomeado para intermediar esse processo que é, na verdade, uma via crucis da linguagem.

UM CHAPÉU E UM CAPUZ: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE CHAPEUZINHO AMARELO DE CHICO BUARQUE

Carolina Lindenber Lemos (USP)

Em finais da década de 1970, Chico Buarque publicou o livro infantil *Chapeuzinho Amarelo*, parodiando o conto *Chapeuzinho Vermelho*. A análise semiótica ora proposta busca pôr em relevo as estruturas intertextuais de um e de outro, mostrando de que maneira se dão os empréstimos

de elementos da narrativa e dos temas e figuras do texto clássico para o texto moderno, numa perspectiva diferente daquela apresentada por Norma Discini em seu trabalho de 2001. No texto original, percebe-se como tema central o da transgressão, uma vez que a menina desobedece a mãe e é punida por isso ao final. Segue paralelamente, num pano de fundo, o tema do amadurecimento. É justamente esse tema secundário que virá para o primeiro plano em Chapeuzinho Amarelo: o embate de Chapeuzinho com o lobo resultará numa maior capacidade de “enfrentar o mundo”. É interessante notar, ainda, que na disputa entre Chapeuzinho Amarelo e o lobo, a transformação do nome associado ao anti-sujeito, nos planos de expressão sonora e visual, é correlativa à privação dos valores de sua competência modal inicial. Para completar a análise, propõe-se a investigação das ilustrações que acompanham a primeira edição do texto de Chico Buarque. As observações feitas acerca das ilustrações, por um lado, reforçam a interpretação defendida nesse trabalho. Em uma das ilustrações, há uma referência direta ao episódio bíblico da queda de Adão e Eva, compondo ainda mais o tema do amadurecimento. De outro lado, a análise também evidencia a contribuição de tais desenhos ao texto escrito, como no quadro em que Chapeuzinho Amarelo pula amarelinha, colocado ao lado do trecho em que se dá seu embate com o lobo, figurativizando, dessa forma, a aquisição de modalidades do ser pelo sujeito.